



A PRIMEIRA APARIÇÃO DO DEMÔNIO A CHRISTOPH HAIZMANN

0,75

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistido por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XIX
(1923-1925)

O EGO E O ID
e
OUTROS TRABALHOS

Traduzido ao Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral
e Revisão Técnica de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio
de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica
de Grupo do Rio de Janeiro.

Coordenação Editorial de
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA
DO IEPP**

Na pág. 60 desse volume,¹ escrevi que 'a escolha de um objeto, tal como mostramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi freqüente ou habitualmente feita durante os anos de infância: isto é, a totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. Isto é, então, a maior aproximação possível, na infância, da forma final assumida pela vida sexual após a puberdade. A única diferença está no fato de que na infância a combinação dos instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma. Assim, o estabelecimento desta primazia a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade'.

Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa 'organização genital infantil' é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*.

Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos. O me-

¹ [Isso corresponde à Edição *Standard* Brasileira, Vol. VII, pág. 205, IMAGO Editora, 1972, onde também se encontrará uma nota de rodapé, acrescentada em 1924, que resume sucintamente os achados do presente artigo. Toda a seção do livro, do qual esta passagem é citada, só foi propriamente acrescentada ao trabalho em 1915.]

nino, sem dúvida, percebe a distinção entre homens e mulheres, porém, de início, não tem ocasião de vinculá-la a uma diferença nos órgãos genitais dele. Para ele é natural presumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio; sabemos, é verdade, que ele procura um órgão análogo ao seu também nas coisas inanimadas.¹ Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas ao seu instinto de pesquisa. Ele quer vê-la também em outras pessoas, de modo a compará-la com a sua, e comporta-se como se tivesse uma vaga idéia de que esse órgão poderia e deveria ser maior. A força impulsiva que essa porção masculina do corpo desenvolverá posteriormente na puberdade, expressa-se nesse período da vida sobretudo como premência a investigar, como curiosidade sexual. Muitos dos atos de exibicionismo e agressão cometidos pelas crianças, e que, em anos posteriores, seriam julgados sem hesitação como expressões de luxúria, na análise demonstram ser experimentos empreendidos a serviços da pesquisa sexual.

No decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham. Uma visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedo proporciona a ocasião para essa descoberta. Em crianças inusitadamente inteligentes, a observação de meninas urinando terá despertado, mais cedo ainda, a suspeita de que existe aqui algo diferente, pois terão visto uma postura diferente e escutado um som diferente, e terão efetuado tentativas de repetir suas observações, de modo a conseguir esclarecimentos. Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência

¹ [Cf. a análise do 'Little Hans' (1909b), *Standard Ed.*, 10, 9.] Incidentalmente, é notável quão pouco grau de atenção a outra parte dos órgãos genitais masculinos, o pequeno saco com os seus conteúdos, atrai nas crianças. De tudo o que se escuta nas análises, não se adivinharia que os genitais masculinos consistissem em algo mais além do pênis.

de um pênis. Rejeitam o fato¹ e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a concepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco,² e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. Os desenvolvimentos posteriores são geralmente conhecidos demais para que se torne necessário recapitulá-los aqui. Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração.³

¹ De agora em diante, o conceito de 'rejeição' passa a ocupar lugar cada vez mais importante nos escritos de Freud. Na presente passagem, a palavra alemã empregada é 'leugnen', porém depois seu lugar é quase que invariavelmente tomado pela forma afim 'verleugnen'. Ela aparece em uma conexão um tanto diferente no artigo sobre 'A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose' (1924e), pág. 230, adiante, mas de hábito, como aqui, o tópico concernente é o complexo de castração. Ver, por exemplo, os artigos sobre masoquismo (1924c), pág. 206, adiante, e sobre a distinção entre os sexos (1925f), págs. 313-4, adiante. Em seu trabalho posterior sobre fetichismo (1927e), Freud estabelece diferença entre o emprego correto das palavras 'Verdrängung' (repressão), e 'Verleugnung' (rejeição). Aí, e no artigo póstumo inacabado sobre 'Divisão do Ego' (1940e [1938]) e no Capítulo VIII do *Esboço* (também inacabado) (1940a [1938]), o termo serve de base para um acréscimo à teoria metapsicológica. Em realidade, a noção já fora aludida muito mais cedo — ao final da longa nota de rodapé ao artigo sobre 'Os Dois Princípios do Funcionamento Mental', (1911b), Edição *Standard* Brasileira, Vol. XII, pág. 279 n., IMAGO Editora, 1976. — A palavra *Verleugnung* foi no passado frequentemente traduzida por 'negação' ('denial') e o verbo associado por 'negar' ('to deny'). Essas, porém, são palavras ambíguas e julgou-se melhor escolher 'rejeitar', a fim de evitar confusão com o alemão 'verneinen', usado, por exemplo, no artigo sobre 'A Negativa' (1925h), pág. 295, adiante. Esse último verbo alemão, ainda uma vez para evitar ambigüidade, é aí traduzido por 'negar' ('to negate'). [Ver N. do T. brasileiro ao último artigo referido, pág. 296, adiante, nota de rodapé.]

² [Cf. a análise do 'Little Hans', *Standard Ed.*, 10, 11.]

³ Foi apontado, de modo inteiramente correto, que a criança obtém a idéia de um dano narcísico mediante uma perda corporal originária

Sabemos também em que grau a depreciação das mulheres, o horror a elas e a disposição ao homossexualismo derivam da convicção final de que as mulheres não possuem pênis. Ferenczi (1923), com toda a justiça, recentemente remontou o símbolo mitológico do horror — a cabeça da Medusa — à impressão dos órgãos genitais femininos desprovidos de pênis.¹

Não se deve supor, contudo, que a criança efetua rápida e prontamente uma generalização de sua observação de que algumas mulheres não têm pênis. De qualquer modo, ela é impedida de fazê-lo porque supõe ser a falta de um pênis resultado de ter sido castrada como punição. Ao contrário, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais — mulheres que, com toda probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio. Mulheres a quem ela respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis.² Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e adivinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então também a mãe perde seu pênis. E, juntamente, são construídas teorias bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê. Em tudo isso, os órgãos genitais

da experiência de perder o seio da mãe após o sugar, da entrega diária de suas fezes e, em verdade, até de sua separação do útero, ao nascer. Não obstante, não se deveria falar de um complexo de castração até essa idéia de perda ter-se vinculado aos órgãos genitais masculinos. [Esse ponto é tratado em maior extensão em uma nota de rodapé acrescentada em 1923 à análise do 'Little Hans', *Standard Ed.*, 10, 8. É também mencionado em 'A Dissolução do Complexo de Édipo' (1924d), pág. 219, adiante.]

¹ Gostaria de acrescentar que no mito o que é indicado são os órgãos genitais da mãe. Atena, que leva a cabeça da Medusa em sua armadura, torna-se em conseqüência a mulher inaproximável, a visão da qual extingue todo pensamento de uma abordagem sexual. — [O próprio Freud rascunhara um breve artigo sobre esse assunto um ano antes, que foi publicado postumamente (1940c [1922]).]

² Apreendi com a análise de uma jovem esposa que não tinha pai, mas diversas tias, que ela se aferrava, até muito adiante no período de latência, à crença de que sua mãe e tias tinham pênis. Uma dessas últimas, porém, era oligofrênica, e ela a via castrada, como ela própria se sentia ser. [Cf. nota de rodapé a *O Ego e o Id*, pág. 45, n. 2, acima.]

femininos jamais parecem ser descobertos. Como sabemos, imagina-se que o bebê viva dentro do corpo da mãe (em seus intestinos) e nasça através da saída intestinal. Essas últimas teorias nos levam além da extensão de tempo abrangida pelo período sexual infantil.

Não é irrelevante manter em mente quais as transformações sofridas, durante o desenvolvimento sexual da infância, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados. Uma primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, a qual, naturalmente, pressupõe um sujeito e um objeto. No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante.¹ No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*. A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e ser *castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero.

¹ Cf. [uma passagem acrescentada em 1915 a] *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d), Edição Standard Brasileira, Vol. VII, pág. 204, IMAGO Editora, 1972. [Ver ainda no a de rodapé também acrescentada ao mesmo trabalho em 1915, *ibid.*, pág. 226.]

(4) EDUARD KLEIN:

- 924 *Int. Z. Psychoanal.*, 10 (11), 1-5.
- 924 *G.S.*, 5, 418-22.
- 926 *Psychoanalyse der Neurosen*, 163-8.
- 931 *Neurosenlehre und Technik*, 186-9.
- 940 *G.W.*, 13, 387-91.

(5) TRADUÇÃO DE JEREMIAS:

Neurosis and Psycho

- 924 *C.P.*, 2, 250-4. (Trad. de John R.)

A psicoses and ção inglesa baseia-

Este trabalho foi escrito durante o 1923. Constitui uma aplicação de nova teoria do Ego e do Id à questão específica de neuroses e psicose. Esse mesmo debate em outro artigo, escrito alguns meses após a Realidade na Neurose e na Psicose. (Nauri: As raízes do assunto já haviam sido por Freud na Seção III de seu primeiro livro *Psychoses of Defence* (1904c).

No segundo parágrafo deste artigo, Freud é estimulado por uma sequência de pontos em outros campos. Parece provável que esse trabalho sobre a psicose da paralisia de Hysteria e Perseus (1922), que aborda a formação consistente com uma seção 11